

## NO PODER DO ESPÍRITO: ESPÍRITO SANTO

Svetlana Khobnya, NTC Manchester

### *Introdução*

Publicações recentes no campo da pneumatologia levantam diversos problemas que foram muitas vezes negligenciados no passado, mas agora começam a adentrar os estudos acadêmicos da Bíblia. Trabalhos anteriores se concentraram na interpretação do papel do Espírito nos textos de determinados autores, principalmente Paulo, Lucas e João, e no desenvolvimento dentro da tradição cristã em geral, sem dar a devida atenção ao histórico pré-cristão do Espírito ou às influências extrabíblicas.<sup>1</sup> Um maior interesse no escopo mais amplo da pneumatologia resultou na reconsideração das experiências religiosas contidas nos textos bíblicos e em sua devida contextualização.<sup>2</sup>

Teólogos expressam preocupações semelhantes e sugerem passar da compreensão do Espírito somente em termos cristológicos e soteriológicos para uma análise da criatividade e da obra do Espírito no mundo de maneira mais ampla, porém mantendo a firme ligação a uma

---

<sup>1</sup> Jörg Frey e John R. Levison, orgs., *The Holy Spirit, Inspiration, and the Cultures of Antiquity: Multidisciplinary Perspectives*, Ekstasis 5 (Berlin: de Gruyter, 2017).

<sup>2</sup> James D. G. Dunn, *Jesus and the Spirit: A Study of the Religious and Charismatic Experience of Jesus and the First Christians as Reflected in the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997, edição inicial da SCM Press, 1975); Gordon D. Fee, *God's Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul* (Peabody: Hendrickson, 2009); Luke Timothy Johnson, *Religious Experience in Earliest Christianity: Missing Dimension in New Testament Studies* (Minneapolis: Fortress, 1998); John R. Levison, *Filled with the Spirit* (Grand Rapids: Eerdmans, 2009).

estrutura trinitária e a um contexto escatológico.<sup>3</sup> Entretanto, ainda precisamos refletir sobre as questões hermenêuticas envolvidas na compreensão da obra criativa do Espírito.<sup>4</sup>

A tarefa de produzir uma visão abrangente da obra do Espírito exige que várias concepções sejam apresentadas. Uma perspectiva mais ampla pressupõe que vejamos as coisas por meio dos olhos de outras pessoas, e imaginemos o mundo de acordo com seus pontos de vista.<sup>5</sup> Uma concepção coletiva da obra do Espírito se mantém fundamentada em textos das Escrituras, utiliza as questões históricas e teológicas apropriadas, reconhece que há uma variedade de experiências e vozes e promove uma integração geral superando barreiras em um diálogo construtivo.

Embora seja impossível apresentar neste breve artigo uma visão abrangente do papel que o Espírito desempenha ao trabalhar de maneira criativa na comunidade e no mundo, vamos procurar desenvolver uma perspectiva mais ampla do Espírito, pesquisando os textos do Novo Testamento<sup>6</sup> de forma canônica. Nosso objetivo é observar como as ideias sobre o Espírito se desenvolvem progressivamente de diversas formas nos textos do NT, e quais esperanças e expectativas pneumatológicas esses textos apresentam aos leitores.<sup>7</sup> Nessa perspectiva mais ampla, este artigo estabelecerá primeiramente a relevância do papel do Espírito como fonte da união humana. Depois, argumentará que a questão de como o Espírito viabiliza a experiência da

---

<sup>3</sup> Wolfgang Vondey, “The Holy Spirit and the Physical Universe: The Impact of Scientific Paradigm Shifts on Contemporary Pneumatology”, *Theological Studies* 70 (2009): 3-36.

<sup>4</sup> Andre Munzinger, “Creative Reason and the Spirit”. In: *The Spirit and Christ in the New Testament and Christian Theology: Essays in Honor of Max Turner*, organização de Howard Marshall; Volker Rabens; Cornelis Bennema (Grand Rapids: Eerdmans 2012), p. 353.

<sup>5</sup> N. T. Wright, *Paul and His Recent Interpreters* (London: SPCK, 2015), p. 4.

<sup>6</sup> A partir de agora, no NT.

<sup>7</sup> R. Hays, *Echoes of Scripture in the Letters of Paul* (New Haven: Yale University Press, 1989), p. 189.

união envolve uma compreensão do vocabulário referente a revelação e cumprimento utilizado no NT. Finalmente, examinará o conceito do Espírito como agente viabilizador da união humana, analisando os Evangelhos, o livro de Atos, as cartas de Paulo e outros livros do NT, antes de tirar conclusões.

*Em direção ao Espírito da união*

G. McFarlane, em seu artigo “Toward a Theology of Togetherness”, expressa uma preocupação razoável com a crescente “alienação humana: o fato de os seres humanos *não* estarem unidos”.<sup>8</sup> Ele está correto ao retratar o mundo como “alienado”, principalmente nestes tempos de COVID, em que as pessoas estão ficando mais isoladas e, conseqüentemente, desenvolvem mais solidão, negatividade e angústia. A alienação pode tomar várias formas; por exemplo: quando culpamos outras pessoas pela injustiça e instabilidade política, mas relutamos em agir ou levantar nossa voz em busca de justiça ou paz no mundo. A alienação cria uma divisão entre “nós” e “os outros” — sejamos nós indiferentes ou ignorantes acerca das necessidades dos outros em grande ou pequena escala — e principalmente se formos hostis ou agirmos com antagonismo entre nós. Nas palavras de McFarlane, nos falta união humana, o que é totalmente incompatível com os ensinamentos da Escritura, que nos chama a ficarmos unidos e buscarmos “o próximo”.

O chamado à união apresenta um convite à restauração, à reparação e à salvação que é “iniciado por meio do amor ao próximo manifestado por Deus, como Pai que ama sua criação, como Filho que a resgata e como Espírito que torna esse dom de união possível aqui e agora”.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Graham McFarlane, “Toward a Theology of Togetherness — Life Through the Spirit”. In: *The Spirit*, p. 323.

<sup>9</sup> McFarlane, p. 324.

Este artigo se concentra no último ponto, que diz que o dom reconciliador do Espírito Santo estabelece a noção fundamental de união humana. Essa afirmação levanta perguntas acerca da extensão em que o Espírito torna possível o dom da união, de acordo com as Escrituras, e sobre como determinar a melhor abordagem para alcançar uma compreensão da união moldada pelo Espírito.

*O Espírito da união no NT como cumprimento de profecias*

Para os autores do NT, a crença de que Deus reconciliou o mundo por meio de Cristo respondeu à pergunta sobre como unir as pessoas.<sup>10</sup> Em Cristo, o reino de Deus chegou e a era de uma nova ordem no Espírito começou.<sup>11</sup> Os “últimos dias” em que o Espírito seria derramado sobre toda carne (profetizado por Joel, Isaías e outros profetas) chegaram, e todos os que são guiados pelo Espírito são adotados na família de Deus como irmãos e irmãs de Cristo.<sup>12</sup> Nas palavras de Ben Witherington, os autores do NT “visualizam o futuro final acontecendo neste mundo”.<sup>13</sup> O “manifesto” de Jesus, em Lucas 4:16-30, muito influenciado pelo conceito do jubileu, explicou melhor essa chegada.<sup>14</sup> Jesus, cheio do Espírito, lê um pergaminho com as palavras de Isaías acerca das boas novas aos necessitados, aos pobres e aos oprimidos, e anuncia que, naquele dia, essa profecia havia se cumprido. Em João 5:39, Jesus exclama audaciosamente que as Escrituras dão testemunho dEle.

A chave hermenêutica para essas conexões intertextuais pede uma leitura figurativa, abordagem adotada por R. Hays. Esse padrão de leitura pressupõe uma distinção entre eventos

---

<sup>10</sup> Rm 5:10-11.

<sup>11</sup> Mc 1:15; Jo 20:22; At 2.

<sup>12</sup> At 2; Rm 8:14-15.

<sup>13</sup> Ben Witherington III, *Jesus, Paul, and the End of the World: A Comparative Study in New Testament Eschatology* (Exeter: Paternoster, 1992), p. 228.

<sup>14</sup> Lv 25; Is 61.

anteriores e posteriores, “em um fluxo temporal contínuo”.<sup>15</sup> A abordagem permite que se faça uma leitura retrospectiva das histórias do AT à luz da vida, morte e ressurreição de Jesus. Além disso, permite que as vejamos como previsões deliberadas de eventos da vida de Jesus, o qual dá continuidade à história de Deus e seu Espírito. Um exemplo vívido de profecia cumprida aparece na imagem do Espírito Santo descendo sobre Jesus e na voz que vem do céu durante seu batismo, reconhecendo a filiação divina de Jesus. A voz e as palavras lembram a autoridade e o amor divinos na designação de um rei ou ungido, algo que se percebe claramente nas Escrituras e que agora é resumido em Jesus.<sup>16</sup> O Espírito de Deus, já conhecido como aquele que pairou sobre as águas da criação, que acompanhou Israel durante o êxodo e que promete reunir o povo de Deus de uma maneira nova que selaria a fidelidade de Deus à Sua aliança, agora unge Jesus e simboliza um novo começo.<sup>17</sup> As profecias sobre o servo ungido do Senhor, cheio do Espírito, que ensinaria não só a Israel, mas a todas as nações e estabeleceria justiça na terra, são agora cumpridas nessa história do batismo e são identificáveis ao longo da vida de Jesus.<sup>18</sup> Em outras palavras, o Espírito não só revela a identidade de Jesus e a união íntima e sagrada entre Deus e Cristo, como também ilustra o fim do exílio e um emocionante recomeço para Israel e todas as nações.<sup>19</sup> Todos os autores do NT contribuem com sua própria voz na composição desse novo começo.

---

<sup>15</sup> Richard Hays, *Reading Backwards: Figural Christology and the Fourfold Gospel Witness*. (Londres: SPCK, 2015), p. 93.

<sup>16</sup> Sl 2:7; 2Sm 7:14; Gn 22:2, 12, 16.

<sup>17</sup> Zc 4:6; 6:1; Jl 2:28—3:2; Is 59:21.

<sup>18</sup> Is 42:1-4.

<sup>19</sup> Por exemplo: Jo 16:7-15; Rm 8:1-11; Hb 9:14.

*O Espírito Santo em Cristo e naqueles que pertencem a Cristo*

Todos os autores dos Evangelhos esclarecem a união e a mútua interpenetração e habitação da Santíssima Trindade e mostram como o Espírito cria um espaço liminar para as pessoas que estejam profundamente interligadas a Jesus, ajudando-as a enxergar Deus na revelação de Cristo por amor a Israel e aos gentios.<sup>20</sup> Entretanto, Marcos não comenta sobre a vida dos discípulos quando Jesus não está mais com eles.<sup>21</sup> Seus leitores devem se basear na história, nas promessas, no ministério e na vida de Jesus registrada em Marcos para entender o que está por vir. Marcos deixa a cargo de seus leitores entender e lembrar que tudo o que Jesus disse e fez certamente se cumprirá depois da ressurreição, incluindo a promessa feita por Jesus de que os batizaria com o Espírito Santo e que este os auxiliaria.<sup>22</sup> “Lá o vereis, como Ele vos disse” são quase que as últimas palavras do Evangelho.<sup>23</sup> De certa forma, a maneira abrupta como Marcos apresenta a história é uma oportunidade para que seus leitores se lembrem de sua relação com Jesus e comecem a viver na presença do Seu Espírito.<sup>24</sup>

Mateus tem um final diferente, estimulando de maneira explícita que os leitores façam discípulos de todas as nações e os batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.<sup>25</sup>

---

<sup>20</sup> Um exemplo vívido vem de Lucas 2:30-32, quando, ao ver Jesus, Simeão é guiado pelo Espírito e diz: “Porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel”. Veja também Maria, Isabel, Ana e outras pessoas que seguem Jesus.

<sup>21</sup> Eu começo com Marcos, partindo do pressuposto comum de que ele foi o primeiro Evangelho a ser escrito. R. Burridge, *What are the Gospels: A Comparison with Graeco-Roman Biography* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004).

<sup>22</sup> Mc 1:8; 13:11; 16:7.

<sup>23</sup> Mc 16:7.

<sup>24</sup> Mc 16:8 relata o fim da história nos primeiros manuscritos. A versão mais longa de Marcos afirma, resumidamente, que os seguidores de Cristo saíram e proclamaram as boas novas com a ajuda do Senhor.

<sup>25</sup> Mt 28:19-20.

Parece que a capacidade de Jesus para batizar com o Espírito é transferida aos discípulos, que devem fazer a obra de Cristo no mundo. O conceito de transferir o Espírito fica evidente entre os profetas de Israel,<sup>26</sup> mas a função do Espírito em Mateus é proclamar o reino de Deus fora dos limites de Israel, por meio da união das nações em Cristo.

Lucas e João apresentam mais evidências de que o Espírito prometido por Deus Pai, é intensificado em Cristo e, por meio de Cristo, é dado aos discípulos para capacitá-los a cumprir sua missão. Jesus Cristo literalmente sopra o Espírito Santo sobre os discípulos durante sua aparição pós-ressurreição.<sup>27</sup> Tanto em João como em Lucas, Jesus garante aos discípulos, que estão crescendo rapidamente além dos doze,<sup>28</sup> que o Espírito Santo lhes ensinará tudo, e os lembrará de tudo que Ele havia dito a eles.<sup>29</sup> Mas, entre todos os autores dos Evangelhos, apenas Lucas — por meio do livro de Atos — contextualiza essa experiência na vida e na missão dos discípulos<sup>30</sup>.

*O poder do Espírito como força motriz para expandir a família de Deus*

Em Atos, o papel do Espírito é descrito como o cumprimento de profecia.<sup>31</sup> A expectativa exata se refere ao derramamento do Espírito de Deus literalmente sobre toda carne. Para Lucas, esses últimos dias haviam chegado no dia de Pentecostes, quando o Espírito desce sobre todos os presentes em Jerusalém, conforme Atos 2. A ideia de se reunir e receber a promessa do Espírito é significativa para a compreensão da união ideal.

---

<sup>26</sup> De Elias para Eliseu, em 2 Rs 4:29.

<sup>27</sup> Jo 20:22.

<sup>28</sup> Principalmente em Lucas (10:1-12). Veja também Jeffrey W. Aernie, *Narrative Discipleship: Portraits of Women in the Gospel of Mark* (Eugene: Pickwick Publications, 2018).

<sup>29</sup> Jo 14:26; Lc 12:12.

<sup>30</sup> Eu assumo uma visão geral de que Lucas e Atos foram escritos pelo mesmo autor.

<sup>31</sup> Atos 2:17, se referindo a Joel 2:28.

Primeiramente, Atos 2 liga o derramamento do Espírito à ideia de que, por meio desse evento, todas as pessoas estão sendo moldadas em uma nova família messiânica: a Igreja. A importância de passar por esse momento juntos tem implicações na memória coletiva dos seguidores de Cristo, algo que forma percepções pessoais do evento em uma comunidade e cria uma narrativa comum que molda suas identidades.<sup>32</sup> Os seguidores não são apresentados como testemunhas separadas ou singulares, mas como um corpo de testemunhas.<sup>33</sup>

Em segundo lugar, aqueles que pertencem ao Messias crucificado e ressurreto se reúnem em obediência a Cristo, que lhes ordena a esperar pela promessa em Jerusalém.<sup>34</sup> Portanto, eles se tornam parte do processo de transformação. Sua obediência, devoção e comunhão genuína têm consequências tremendas para a comunidade como um todo. Eles compartilham recursos, cuidam uns dos outros e recebem outros. Eles vivenciam verdadeiramente um profundo senso de unidade no Espírito, e outras pessoas são atraídas a eles, fazendo com que seus números se multipliquem. Baseando-se nisso, Lucas traça uma imagem ideal de união.

Em terceiro lugar, a vinda do Espírito significa restauração das suas capacidades de se comunicarem uns com os outros. Enquanto na torre de Babel, em Gênesis 11, a humanidade é separada pela falta de compreensão mútua, Atos 2 comemora a revogação da confusão. O Espírito dá aos discípulos a capacidade de falarem para além de seu contexto local. Em Atos 2,

---

<sup>32</sup> Jan Assmann e John Czaplicka, “Collective Memory and Cultural Identity”, *New German Critique* 65 (1995): 125-133.

<sup>33</sup> Atos 2 é muito debatido na academia. Veja William e Robert Menzies, *Spirit and Power: Foundations of Pentecostal Experience* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2000); James Dunn, *Baptism in the Holy Spirit: A Re-examination of the New Testament Teaching on the Gift of the Spirit in Relation to Pentecostalism Today* (Londres: SCM Press, 1970, 2010); W. P. Atkinson, “*Spiritual Death*” of Jesus: *A Pentecostal Investigation* (Eugene: Pickwick Publications, 2010).

<sup>34</sup> Atos 1:4.

eles são testemunhas em Jerusalém, mas recebem poder para ultrapassar os limites da cidade e levar sua mensagem até os confins da Terra. Seu primeiro público, que se reuniu no Dia de Pentecostes, é composto de representantes da origem judaica, mas eles logo percebem que a visão de Deus é realmente maior do que eles podiam imaginar.<sup>35</sup> O Espírito Santo dá aos discípulos o poder de falar aos judeus e a todos os descrentes, pois habita neles e nos gentios. Os discípulos demoram um pouco para ver o plano cósmico de Deus. Pedro, por exemplo, só muda sua perspectiva depois que Deus se revela em uma visão.<sup>36</sup>

Encontramos a confirmação sobre esse mal-entendido por parte dos discípulos em Gálatas, quando Paulo confronta Pedro em relação à sua indecisão.<sup>37</sup> Pedro estava comendo com os gentios, mas, quando algumas pessoas da parte de Tiago chegaram, ele se separou dos gentios. Não vemos a resolução desse conflito em Gálatas. No entanto, em Atos, Pedro dá testemunho aos judeus que o criticam por andar com os incircuncisos: “O Espírito me disse que eu fosse com eles, sem hesitar”.<sup>38</sup> Em Atos 15, Pedro se dirige ao concílio de Jerusalém e anuncia de maneira fervorosa que Deus dá o Espírito Santo aos gentios, assim como deu o Espírito aos judeus. A ideia de uma pessoa aceitar de braços abertos aqueles que não fazem parte do seu círculo mais próximo e desejado, sob a orientação do Espírito, prevalece no livro de Atos.

Em 1Pedro, o autor parece ser bem inclusivo em relação aos cristãos judeus e gentios, quando se refere aos que estão espalhados pela Ásia Menor como sendo pessoas separadas por Deus Pai e santificadas pelo Espírito para um serviço especial, para serem santas, como Deus é

---

<sup>35</sup> Eles são identificados como judeus devotos (Atos 2:5). Mais discussões em F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, NICNT (Grand Rapids: Eerdmans, ed. rev., 1998), p. 54-5.

<sup>36</sup> Veja Atos 10:9-16, 28.

<sup>37</sup> Paulo chama isso de hipocrisia em Gálatas 2:11-14.

<sup>38</sup> Atos 11:12.

santo.<sup>39</sup> Pedro não está preocupado com a distinção entre judeus e gentios, mas sim com o povo de Deus vivendo junto em santidade e proclamando Cristo aos outros, mesmo em meio a sofrimentos, pois o Espírito está sobre eles.<sup>40</sup>

A presença do Espírito, anteriormente conhecida nos textos judaicos e nos Evangelhos, é reconsiderada e intensificada na vida dos seguidores de Cristo em qualquer lugar e sob quaisquer circunstâncias. A expansão permite que os discípulos comecem a ver que a criatividade e o escopo de trabalho do Espírito estão além de sua perspectiva limitada. Como resultado da ressurreição de Cristo, o Espírito Santo une os crentes e ajuda a criar uma narrativa comum, que diz ao mundo quem eles são e convida outros a se unirem a eles.

*Um chamado à união em amor*

No ensino enviado a várias igrejas, Paulo esclarece e expande a ideia de uma narrativa comum sob a orientação do Espírito, especificamente em Romanos 8, que é considerado o ponto alto da sua pneumatologia.<sup>41</sup> Paulo revela como Cristo não só continua Ele mesmo na esfera permanente do Espírito, como também se torna a fonte de “uma nova inclinação espiritual” para seus seguidores.<sup>42</sup> Se alguém está em Cristo, escreve Paulo, o Espírito de Cristo habita nele.

---

<sup>39</sup> Veja 1Pe 1:2-16. Estou considerando que o autor seja Pedro, embora nem todos concordem com isso. A questão sobre quem é o público-alvo também é controversa. Entretanto, 1:14, 18; 2:9-10; 2:25; 3:6 e 4:3-4 dão suporte à ideia de que Pedro se refere aos cristãos gentios.

<sup>40</sup> 1Pe 4:14. Veja S. Khobnya, “So That They May Be Won Over Without a Word: Reading 1 Peter Through a Missional Lens”, *European Journal of Theology* 29 (2020): 7-16.

<sup>41</sup> A terminologia relacionada ao Espírito aparece cerca de 170 vezes no corpus paulino, com 37 dessas ocorrências em Romanos (21 só em Romanos 8) e 13 em 1Coríntios 12, o que torna Romanos 8 fundamental para a pneumatologia de Paulo. Veja James Dunn, *The Theology of Paul the Apostle* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 423 [edição em português: *A Teologia do Apóstolo Paulo* (São Paulo, Paulus Editora: 2003), 2. ed.]; Samuel D. Ferguson, *The Spirit and Relational Anthropology in Paul* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2020), p. 151.

<sup>42</sup> Conforme as palavras de Barry D. Smith em “‘Spirit of Holiness’ as Eschatological Principle of Obedience”. In: *Christian Beginnings and the Dead Sea Scrolls*, organização de John J. Collins; Craig A. Evans (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), p. 76.

Estar em Cristo é estar na esfera do Espírito e ter a mente voltada para Deus por meio do Espírito, até o tempo da glória.<sup>43</sup>

Para Paulo, o Espírito não só facilita a conexão dos crentes com Deus por meio de Cristo, como também os acolhe, ou os adota, na união em amor de uns para com os outros como irmãos e irmãs e coerdeiros com Cristo.<sup>44</sup> Essa forte realização da união multidimensional no Espírito idealmente leva os crentes a buscarem e sentirem a presença do Espírito em seu relacionamento com Deus em Cristo, com as outras pessoas e até mesmo com toda a criação.<sup>45</sup> É possível até dizer que a obra de capacitação do Espírito é altamente relacional; e o inter-relacionamento se mostra essencial para a compreensão da experiência pneumatológica.<sup>46</sup>

Paulo contribui para a discussão sobre o Espírito por meio da sua ênfase no inter-relacionamento de amor entre os membros. Todas as dimensões da obra do Espírito, inclusive a distribuição de dons espirituais, servem para o benefício de toda a comunidade, manifestam-se na comunidade, para o bem da comunidade e como parte da realização integral do amor de Deus pelo mundo, derramado no coração de cada membro da comunidade pelo Espírito de Cristo.<sup>47</sup> Em termos práticos, quando as igrejas e/ou as comunidades teológicas buscam maior comunhão entre si, estão buscando a experiência do Espírito Santo.<sup>48</sup> Por meio de relacionamentos intencionais e atenciosos com outras pessoas, baseados “na fé que opera por meio do amor”, os

---

<sup>43</sup> Rm 8:5-11, 17-23.

<sup>44</sup> Rm 8:12-17.

<sup>45</sup> Rm 8:18-23.

<sup>46</sup> Volker Rabens, “Power From In Between’ The Relational Experience of the Holy Spirit and Spiritual Gifts in Paul’s Churches”. In: *The Spirit*, p. 140.

<sup>47</sup> Rm 5:5; 1Co 12.

<sup>48</sup> Moltmann, Jürgen, *The Trinity and the Kingdom*. Tradução para o inglês de Margaret Kohl (Minneapolis: Fortress, 1982; reimpr., 1993), p. 239-40. [edição em português: *Trindade e reino de Deus: Uma contribuição para a teologia* (Petrópolis, Vozes: 2011), 2. ed.]

crentes podem desfrutar de uma experiência mais completa com o Espírito e visualizar o reino de Deus no mundo presente, talvez como os profetas do AT o viam.<sup>49</sup>

Os ensinamentos de Paulo acerca da verdadeira união formada pelo Espírito poderiam ser elucidados pelas belas imagens apocalípticas do livro de Apocalipse. João traça um retrato da cidade santa que revela “uma comunidade humana restaurada e transformada”<sup>50</sup> e o convite do Espírito para que as nações bebam da água da vida e sejam curadas.<sup>51</sup> Embora o Apocalipse ainda seja um livro complexo para ser analisado,<sup>52</sup> cada vez mais intérpretes reconhecem que ele convida as comunidades cristãs a serem uma realidade alternativa à impureza, violência e idolatria do mundo.<sup>53</sup> Elas devem “ser modelos de paz e justiça” e da verdadeira união humana que “acolhe os diversos povos do mundo”. Tal testemunha obediente “oferece um prenúncio do futuro, quando a cidade santa descer do céu e a presença transformadora de Deus encher toda a terra”.<sup>54</sup> De maneira significativa, o Espírito do Apocalipse convida as igrejas ao espaço liminar para que reflitam acerca de sua posição atual no mundo, da perspectiva do futuro de Deus e do Seu trono.

---

<sup>49</sup> Gl 5:5-6.

<sup>50</sup> D. Flemming, “On Earth as it is in Heaven”. In: *Holiness and Ecclesiology in the New Testament*, organização de K. Brower; A. Johnson (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 356.

<sup>51</sup> Ap 22:17.

<sup>52</sup> Veja as várias abordagens resumidas em I. Paul, *Revelation: An Introduction and Commentary*, TNTC (Downers Grove: IVP Academic, 2018), p. 48-9.

<sup>53</sup> Flemming, “On Earth”; Ben Witherington, III, *Revelation* (Cambridge: CUP, 2003); Richard Bauckham, *The Theology of the Book of Revelation* (Cambridge: CUP, 1993); David Arthur DeSilva, *Seeing Things John's Way: The Rhetoric of the Book of Revelation* (Louisville: John Knox Press, 2009). Alguns exemplos são Ap 22:15; 21:3.

<sup>54</sup> Flemming, “On Earth,” 358.

### *Conclusões*

Este artigo mal arranhou a superfície da questão do Espírito e da união humana, mencionada no início. Entretanto, diversas implicações se apresentam quando a análise é realizada por meio das histórias do NT e quando o vocabulário relativo a cumprimento é levado a sério.

O Espírito viabiliza a continuidade da história de Deus em Cristo e celebra as consequências da vida, morte e ressurreição de Cristo como a restauração da identidade humana e a possibilidade de união com Deus para todos em Cristo. O Espírito também representa um fundamento para a união humana. O plano de Deus, prometido por meio do Espírito, não se concentra meramente na união vertical e na reunião — seja como indivíduos, seja como comunidades individuais — como pessoas de Deus restauradas em Cristo. O objetivo máximo do Espírito é unir e capacitar o povo de Deus para que este possa unir as nações. Deus convida seus seguidores a amarem uns aos outros e os impele a levar a união em amor, que conhecem por meio do Cristo, até os confins da terra, muito além de seu *status quo*.

O povo de Deus é chamado para encontrar seu lugar no mundo, para a habitação divina, como sinal da vinda do novo mundo. A característica desse novo mundo em que o Espírito de Cristo está ativo, reflete a ideia de comunhão inclusiva que aceita as diferenças, ultrapassa fronteiras, capacita os incapacitados e ampara os desamparados. Essa característica também traz a noção de ter a mente aberta para as novas possibilidades da obra de Deus no mundo e de reconhecer que o Espírito trabalha além da nossa imaginação e da nossa própria experiência. O Espírito nos chama a usar a criatividade para modificar as táticas da presença cristã no mundo por meio do desenvolvimento de inter-relações. Ele literalmente nos ensina e nos capacita a

desenvolver a união em obediência a Cristo, com coragem e sem obstáculos. Além de tudo, Seu poder é ainda mais transcendente quando estamos em união.